

Composição a partir de 24 letras¹. A proposta é alfabética e expressamente incompleta: 24 letras, que, sem ordem nem desordem (PR: 57), abrem a leitura a algumas palavras de Manuel António Pina – o escritor que se descreve a si mesmo como «um leitor lendo-se a ler» (DVA: 61).

Tratando-se de um jogo de composição, há um pressuposto orientador: «Uma citação, mesmo quando literal, é sempre uma interpretação» (Nava, 2004: 80) – questão estrita de cumplicidade. Eis o mote.

Como, em coisas desta natureza, a regra é não haver regra, na maior parte das entradas renuncia-se à interpretação manifesta, deixando à leitura apenas os fragmentos – as citações escolhidas; noutras, ensaiam-se breves diálogos com os textos de Manuel António Pina, sob interpretação.

A de Amor

Escrever poesia, como editar poesia, como sobretudo ler poesia, é um acto de amor louco, gratuito e perdulário em tempos como estes, de prosa e de literatura de negócios (CSL: 44).

Só se escreve por amor, toda a escrita é uma carta de amor: a *Real-literatur*. Não se devia morrer senão por amor, e não de uma morte trágica. Não se devia escrever a não ser por essa morte, ou cessar de escrever senão por esse amor, ou continuar a escrever, por ambas as coisas ao mesmo tempo. (Gilles Deleuze, 2004: 66).

¹ Esclarecimento prévio: no corpo do texto, em todas as citações de Manuel António Pina, recorre-se à sigla do título de cada livro do autor (cf. siglas na Bibliografia final), seguida do número de página referente ao excerto citado. As restantes citações seguem as normas da APA.

Toda a literatura fala da morte e do amor. E do tempo, que é a morada de ambos (DVA: 57).

(Amor cidade aberta; lugar comum;)
Edificarei a minha igreja sobre as tuas ruínas (TP: 20).

H **de Humor**

e ri-me de todo o mestre que não sabia rir-se de si mesmo.
(Nietzsche, 2002: 9).*

O humor é um traço inapagável da assinatura de Manuel António Pina, assim como o é o gesto contínuo com que a sua escrita nos leva a cair das mais seguras e cómodas zonas de conforto, fazendo-nos pensar de todas as maneiras, – «de pernas para o ar» por exemplo –, para que não nos falem perspectivas.

O meu humor é desprendido. Talvez se aproxime mais da irrisão do que daquela máxima que diz *ridendo castigat mores*, está longe de querer mudar qualquer coisa (DVA: 207).

Rir é um modo de (se) testemunhar.

G **de Gato**

O gato: eis, de facto, um assunto aparentemente razoável. Ignora, e ignora que ignora, crónicas, livrarias, galerias; malas e férias; está ocupado de mais a ser gato e a ignorar para pensar no que quer que seja. [...] Mas de gato para baixo, ó Mário Cesariny!

Alguns quilómetros abaixo do gato, com efeito, os homens têm de ter permanentemente assuntos. É preciso mostrar-lhes o que está à vista, dizer-lhes o que sabem. Têm que ouvir a sua própria voz, humana e monótona, de compreender, de sentir. O gato não, quer lá saber [...] A sua respiração respira, os seus olhos olham, o seu sangue sangra nas veias e ele não sabe, nem sabe que não sabe nem absolutamente nada. Nem sequer sabe que é gato. Vem-me o ortónimo à memória: «Invejo a sorte que é tua/ porque nem sorte se chama». E Cesário, e recordações, países: Kyoto, Berlim, Paris, S. Petersburgo, o mundo. (CSL: 89).

F de Falar

Pela boca do poeta fala – sublinho: fala, não escreve – a outra voz. É a voz do poeta trágico e a do bobo, a da solitária melancolia e a da festa, é a da risada e a do suspiro, a do abraço dos amantes e a de Hamlet diante da caveira, a voz do silêncio e a do táfalo, louca sabedoria e rigorosa loucura, sussurro de confidência na alfoa e tumulto de multidão na praça. Ouvir essa voz é ouvir o próprio tempo, o tempo que passa e que no entanto regressa trazendo umas quantas sílabas cristalinas. (Octávio Paz, 1990: 68).

Estou sempre a falar de mim ou não (TP: 17).

É o infalável que fala.
Não o ouças: ouve-o (TP: 231).

M de Morte

a morte está para além (ou para aquém, sei lá) da possibilidade de sentido. (CSL:268).

A morte [...] ensina (Raul Brandão, 1906: 197).

Seja a morte o que for, mãe, esposa, amante de um só dia, partilha connosco o mesmo extremo e inconcreto lugar da vida. (CSL: 268).

Na mais extrema das ficções anti-subjectivistas, os mortos abrem a poesia de Manuel António Pina, com um aviso:

Os tempos não vão bons para nós, os mortos. (TP: 11).

Tempos risíveis, estes, que «não vão bons» nem para os mortos, diríamos. Mas o poema torce o riso em alerta: é quando os tempos não vão bons para os mortos que os vivos se devem verdadeiramente inquietar.

A morte, «com minúscula» – diz Eduardo Lourenço – é «o espaço matricial»

da visão poética de Manuel António Pina, é «só aquilo que lá está mesmo sem se anunciar» (Lourenço, 2010: 7). Na mais extrema simplicidade, o filósofo captura a mais estrita singularidade da escrita de Manuel António Pina: a morte é «só» (e neste «só» incluo a palavra «solidão») aquilo que *lá está* – todavia, é condição *que esteja*, «mesmo sem se anunciar»! *Estar* implica *ter lugar*.

Aos mortos empíricos não falta lugar. É por «NÓS, OS OUTROS» (CSL: 309) – «é sempre Outro quem escreve» (TP: 45) –, que a escrita de Manuel António Pina se interroga, interpelando-nos: «o que é feito de nós»? (TP: 12) Nós que somos feitos das «palavras que nos fazem» (*ibid*)? Em tempos em que se fala de mais, «As palavras esmagam-se entre o silêncio/ que as cerca e o silêncio que transportam», «são tempos de poucas palavras». Assim se calam os mortos, a *outra voz*. Sem memória, sem as vozes do passado que mantêm viva a indagação presente, é a gramática (que nos pertence) «que assim nos falta». Sem passado não há passagem

e eis por que não temos nada a perder e por que é
cada vez mais pesada a paz dos cemitérios. (TP: 11).

É nas palavras (onde, senão nelas, com e contra elas) que se indaga a morte – «não é a morte o que as palavras procuram?» (TP: 234).

O rio da morte corre para a nascente. (TP: 12).

O poema inverte o curso do rio de Heráclito, mas não interrompe, por isso, o fluir das transformações, da alteridade e da impermanência – o caminho é de regresso.

Em tempos em que «já tudo é tudo», procurar um lugar estrito é inventar o impossível. Como quem, antes de partir, já escreve para casa – «Escrevo para casa. /Conto estas aventuras extraordinárias» (TP: 23) –, Manuel António Pina começa no impossível – na morte enquanto espaço matricial daquele que se sabe ser, simultaneamente, um morto – «o escritor [...] é um morto» (TP: 339) – e um outro ainda – *aquele que quer morrer*: «aquele que quer morrer é aquele que quer conservar a vida» (TP: 68).

Para «memória presente» [...] Quero lá saber do futuro! (DVA: 143).

É nesta «memória presente», por onde passa eternamente o passado, que «aquele que quer saber» (TP: 73) começa do fim de todas as tranquilizadoras ficções da origem, da identidade e do sentido – «a mãe para sempre morta» (TP: 347) – como quem procura regressar à possibilidade primeira de morrer, em nome próprio:

Se eu não morresse
como morreria,
e como responderia
pelo nome que tivesse?

E quem me chamaria? (TP: 170).

No avesso do consolador lugar comum segundo o qual escrevemos para não morrer, Manuel António Pina escreve para poder morrer da sua «exclusiva vida», para poder ser chamado, como o cão do poema, pelo «absoluto nome» que (o) reconhecerá

Alguém o chamara por outro nome,
um absoluto nome,
de muito longe.

E o cão partira
ao encontro desse nome
como chegara: só. (TP: 239).

Morrer, porém, não é fácil,
ficam sombras nem sequer as nossas,
e a nossa voz fala-nos
numa língua estrangeira. (TP: 355).

Cada um só morre a sua própria morte. Mas, para morrer (por ter vivido) é preciso ter aprendido a viver, e «a viver» – lembra Jacques Derrida – «não se aprende [...] a não ser pelo outro e pela morte» (Derrida, 2005: 15).

Aí, no fundo da morte, se celebram
as chamadas núpcias literárias, o encontro do
escritor com o seu silêncio. Escrevo para casa. (TP: 23).

Z **de Zero Poeta**

Numa certa conta havia
um zero dado à poesia
que tinha um sonho secreto:
fugir para o alfabeto.
Sonhava ser um O

nem que fosse um dia só,
ou ainda menos: só
o tempo de dizer: «Oh!»
[...]

E o que na alma lhe ia!
Sonhos de glória, esperanças,
ânsias, melancolia,
recordações de criança;

além de um grande vazio
de tipo existencial
e de uma caixa que um tio
lhe pedira para guardar;
[...]

Daí que andasse doente
de grave doença poética
e em estado permanente
de ansiedade alfabética.
[...]

Tanta ambição desmedida,
tanto sonho feito pó!
E aquele zero dava a vida
para poder dizer «Oh!»... (PLD: 18-20).

I **de Infância**

Totalmente tolerante é
a matéria metafórica da infância. (TP: 67).

A infância é um lugar de exílio. Se não tivermos, em qualquer sítio do coração, uma infância, onde nos refugiaremos quando os ladrões vierem para nos roubar a inocência e os sonhos e quando os assassinos baterem à porta? Se não tivermos uma pequena infância que seja [...] onde guardaremos os segredos mais secretos e onde brincaremos ainda? E quem nos responderá quando, diante do nosso rosto no espelho, nos virmos e não nos reconhecermos, ou quando, nos dias de infelicidade, chamarmos pelo nosso nome? (CSL: 140).

Como me ouvirei?
Como me reconhecerei? (TP: 113).

Uma das questões que fazem a singularidade deste poeta é precisamente a ambivalência da sua noção de «infância», que é simultaneamente concreta e abstracta, quotidiana e mítica. Porque a infância é, aqui, o que prescindia da linguagem (*infans*: sem fala, ou que não fala) e que assim coincide com o estar; mas também é a memória, a pureza, a bondade, a simplicidade. E, acima de tudo, seria a coincidência da mente consigo mesma enquanto mundo, matéria (que pensasse sem nisso gerar distância). (Rosa Martelo, 2014: 306).

Não é a infância uma espécie de ficção que contamos a nós mesmos? E o melancólico mito do «paraíso perdido» da infância não reproduz talvez a «saudade» da indiferenciação e naturalidade originais? [...] Talvez (mas que sei eu?) seja a «saudade» do homem natural anterior à organização e razão adultas que explica a persistência na memória e no coração de tantos de nós de livros onde desamparamente fala o indistinto mistério da infância (CSL: 293).

Quantas vezes em
desolados quartos de hotel
esperei em vão que me batesses à porta,
voz da infância, que o teu silêncio me chamasse! (TP: 162).

Os poemas sobre a infância são uma tentativa desesperada de construir um passado onde possa regressar, onde possa encostar a cabeça. (DVA: 124).

Que coisa morreu
na minha infância
e está lá a ser eu?
A lâmpada do quarto? A criança? (TP: 115).

isso que, da infância, nos não pertence através da memória e das palavras é a Infância, o sem-tempo da infância. Talvez a poesia e o seu inseguro silêncio possam, quem sabe?, dar uma forma ao desejo desse sem-tempo, dessa coisa nenhuma – que é, evidentemente, um desejo de morte. A infância, como a morte, são limites sobre dois escuros abismos fundamentais. (DVA: 12).

Mas como ser *infans* e sabê-lo? Com que nenhuma palavra e com nenhuma lembrança? (DVA: 27).

[...] Em que lugares reais,
tão perto que as palavras são de mais? (TP: 378).

O
de Olhos, Olhar, Outro.

Somos seres olhados
RUY BELO (TP: 135).

Os nossos olhos são o nosso olhar, e são o nosso rosto. Procuramos o nosso rosto no rosto dos outros. É uma condenação. Mas, ao mesmo tempo, acho que a consciência é libertadora. (DVA: 98).

O outro, sobretudo o ser amado é o espelho onde procuramos a nossa (demasiado humana) imagem. O amor pode conduzir-nos à nossa humanidade. (DVA: 57).

E eu sou uns grandes olhos que em tudo isto há. (TP: 188).

Que rosto real / me olha e se vê? (TP: 112).

Poderei suportar o meu olhar
quando me vir, confundir-me nele? (TP: 113).

T
de Testemunha

Mas pode a morte ser
testemunha da vida? (TP: 196).

J
de Já

A carne é triste, ai de mim! E já li todos os livros. (Mallarmé, 1965: 38).

Já li tudo, já fiz tudo (quem?). (TP: 62).

Já fiz tudo, já aqui estive, já li tudo! (TP: 61).

Já não é possível dizer mais nada
mas também não é possível ficar calado. (TP:12).

A impossibilidade de falar e de
ficar calado não pode parar de falar. (TP: 70).

Quando todo o possível se fecha, é ao impossível que o poema se abre:

Se um criador não for atacado na garganta por todo um conjunto de impossibilidades, não será um criador. Um criador é alguém que cria as suas próprias impossibilidades, e que cria possível ao mesmo tempo. [...] [S]e não se tiver um conjunto de impossibilidades, não se terá essa linha de fuga, essa saída que a criação constitui, essa potência do falso que constitui a verdade. (Deleuze, 2003: 182).

Nada no poema é impossível e tudo é possível (TP: 14).

Eis o verdadeiro rosto do poema.
Assim seja feito: a mais e a menos. (TP: 12).

L **de Lugares. Literatura**

Os lugares são
a geografia da solidão.
São lugares comuns a casa a cama (TP: 43).

A indagação do «lugar» – onde? (ou Quem?) – é um dos tópicos mais insistentes e instigantes da escrita poética de Manuel António Pina. Os lugares são, simultaneamente, lugares (palavras) comuns – a casa, a cama, os livros, eu, a literatura, a vida, a memória, a infância, a morte, o caminho... – e o que neles (ou nelas, nas palavras) é «pura coincidência» (TP: 285) com «outra coisa ainda» (Pessoa, 1933), alguma coisa que é e que *tem lugar* aí – em algum «nenhum sítio» – ou «qualquer sítio» – «onde nem a razão nem a vontade [...] podem alcançar». (CSL: 613). Por *isso se repete*, insistentemente, a palavra «onde» que reforça o uso de uma outra (tão ou mais intrigante) palavra: «isto».

O uso que o poeta fez das palavras *isto* e *isso*, recusando-se a ligá-las gramaticalmente à preposição *de*, especialmente nos seus primeiros livros, revela uma maneira de pensar a linguagem e de equacionar um hiato entre as palavras e o que elas deveriam designar ou tornar presente: o que Pina certamente chamaria vida. *Isto* deveria trazer a vida para a poesia, não uma ideia abstracta de mundo mas uma narrativa cheia de pessoas, de vozes que se confundem entre si numa muito complexa estratificação do tempo, misturando o real e o imaginário (Rosa Martelo, 2014: 300).

Na escrita de Manuel António Pina, o deíctico presente em «isto» cria, simultaneamente, *um lugar* de proximidade estrita e de distância extrema:

Que distância entre tudo, sobretudo tão perto de tudo! (TP: 59).

(Chamo-lhe Literatura porque não sei o nome de isto;) (TP: 71).

Todavia a «Literatura», na (in)coincidência do seu próprio fazer(-se), é, também ela, uma palavra que, com mais palavras, dá lugar ao que (a) faz: *alguma coisa*, ou *alguém*, em *algum nenhum sítio* – «Eu, isto é, palavras falando» (TP: 275) –, que pergunta pelo lugar onde possa *estar* ou *ser*.

Literatura que faço, me fazes
(Ó palavras!) Mas eu onde estou ou quem? (TP: 23).

Entre tantas palavras e tantas lembranças, os lugares são a memória dos lugares, as palavras são a memória das palavras, de outras pessoas, outras passagens, outras lembranças: «isto está cheio de marcas, da passagem das pessoas / o que me lembra passou-se com outras pessoas / em lugares imponderáveis onde elas, ou alguém, estiveram.» (TP: 74). Os lugares são feitos e desfeitos de nós, nós que nos transformamos – transformando-o – *no que fica*: passado e distância.

Misteriosa coisa é a memória dos lugares, o que deles ficou em nós (o que é, talvez, um modo particular de dizer «o que de nós neles ficou») quando irremediavelmente se transformaram – e, com eles, tudo aquilo que uma vez fomos – em passado e distância. (CSL: 167).

Por onde vens, Passado,
pelo vivido ou pelo sonhado?

Que parte de ti me pertence,
a que se lembra ou a que esquece? (TP: 252).

Em que lugar o passado permanece imóvelmente passando para sempre? (CSL: 200).

A possibilidade da «revolução» – essa que realmente resiste ao tempo, criando a (sua) própria existência (a do movimento; a do corpo; a do tempo) – passa por aí: pela possibilidade do regresso do passado à memória presente, ou do corpo presente a lugares anteriores que estão (para) sempre por vir

Interrogando o tempo e a distância, a poesia de Manuel António Pina «*passa sucessivamente pelos/ mesmos Lugares*» (TP: 15), como quem está sempre a voltar ao princípio que é sempre a meio de um «aqui» – «Cada vez mais longe» – onde alguém (quem?) pergunta por si:

Quem está aqui
Cada vez mais longe?
[...]
Quanto tempo passou
pelo que já não sou
em que outro lugar
onde não estou a estar? (TP: 139).

Por que não encontra o sangue o seu lugar
Entre os dispersos mundos? (TP: 131).

Não foi o caminho de casa que eu perdi? (TP: 108).

*Para chegares aí,
Para chegares aonde estás, para saíres de onde não estás,
Deves seguir por um caminho onde não há êxtase.* T.S. ELIOT (TP: 75).

O L é uma letra forte em Manuel António Pina, L é também de Ler, de Leitura

Ler é um acto de amor (CSL: 632).

Ler e escrever sobre o que se lê é uma árdua tarefa quando se lê com amor, quando a leitura é encontro connosco mesmos e com aquilo (mundo, existência) que, em nós, é fundamentalmente impartilhável. E é também uma tarefa generosa e um exercício arriscado; falamos sempre demais quando falamos de outros, de pessoas

ou de livros. Porque nesse momento estamos sós e, por muito que chamemos por companhia, memórias, nomes, outros livros [...] a companhia nunca vem. (DVA: 333).

Quem lê, lê-se. Com a sua experiência, a sua sensibilidade, as suas circunstâncias. (DVA, 58).

Estamos condenados a gostar daquilo que se nos assemelha. Só falamos de nós. [...] Eu acho que mesmo quando escrevemos sobre os outros é sobre nós que escrevemos. (DVA: 97).

Não há, acho eu, leituras mais certas ou menos certas. Há apenas leituras diferentes. Um livro é sempre também o modo, ou os modos, como é lido. (DVA, 90).

aquilo que podes saber está noutra sítio.
O que o livro diz é não dito (TP: 299).

O que dirá é outra coisa. E essa coisa é que é a verdadeira. (CSL: 235).

Q **de Quantum**

o *quantum* dir-se-ia uma boa metáfora do poético: a alteração mínima de um sistema realizada completamente ao acaso, isto é, à margem de qualquer previsibilidade ou determinação. (CSL: 229).

E **de Eu**

Eu, isto é, palavras falando,
e falando me perdendo
entre estando e sendo. (TP: 275).

(Luís Miguel Queirós): *A instabilidade do «Eu» na tua poesia, muitas vezes sublinhada por via sintáctica – «a minha vida é uma multidão onde, não sei quem, em vão procuro / o meu rosto» – é, como dizes, uma herança*

da modernidade. Rimbaud, também ele forçando a gramática, escreveu «je est un autre». Pergunto-me como seria este verso traduzido em «pinês». Talvez «eu (quem?) é um outro (qual?)».

(MAP): Ou talvez: «Eu (o quê?) é um outro (quem?, qual?)». Ou ainda: «Eu (isto é, palavras falando) é um outro (palavras escutando)». Ou: «Eu (isto) é um outro (algo, outra coisa)». Talvez prefira a versão do meio. Devo no entanto observar, em defesa e honra do «Eu» na minha poesia, que ele, o «Eu», tem andado um pouco mais estável nos últimos livros. Provavelmente, mas que sei eu?, por cansaço. (DVA: 186).

Na poesia de Manuel António Pina *eu* é resolutamente uma categoria gramatical, um pronome vazio, um efeito do discurso. *Eu* fala a partir do discurso e como discurso (apenas) sem indicar ninguém por trás, às vezes nem sequer uma figuração autoral, e nessa medida torna-se facilmente numa voz de ninguém à procura do seu autor, processo que radicaliza absolutamente a des-subjectivação modernista, porquanto é propriamente um *eu* que se sabe efeito da escrita que toma a palavra a partir da palavra. Por isso, na poesia de Pina o *eu* é comutável com *isto* (que fala) (Rosa Martelo, 2014: 304, 305).

As palavras não chegam
para levar-me onde, fora
da infância, está alguma coisa:
isto que quer falar

e vê e é visto.
Não estou aqui, sonho
(eu, também um sonho)
fora de mim comigo. (TP: 113).

R de Roubo

[...] a literatura é uma arte
escura de ladrões que roubam a ladrões. (TP: 340).

Tudo o que temos pertence a outros,
desconhecidos de nós, e ainda a outros,

e temo-lo como se o perdêssemos
ficando uma sombra, a nossa sombra.
Estamos longe de casa e essa sombra
é a única morada a que podemos acolher-nos. (TP: 314).

É assustador pensar que tudo o que temos e somos é memória e o que conhecemos de nós e da nossa vida talvez seja, como a memória de um poema, uma narrativa fragmentária e volúvel de outras vidas e outras palavras, nossas e alheias, com as quais construímos um irmão gémeo nosso, desconhecido, e que a nossa própria voz é provavelmente essa voz respondendo-nos quando perguntamos por nós. Que, quem quer que sejamos, somos talvez um outro, e que não sabemos, daquilo que de nós nos é dado saber, o que é a vida e o que é o sonho, ou o medo, ou o desejo. (CSL: 441).

[...] o escritor
é um ladrão de túmulos.

E é um morto
dormindo um sono alheio, o do livro,
que a si mesmo se sonha digerindo
sua carne e seu sangue e dirigindo
a sua mão e o seu livre arbítrio.
[...]
Nem a sua morte lhe pertence, roubou-a
a outro e outro lha roubará. (TP: 339).

Estou a lembrar-me do poema de Jorge de Sena «Camões dirige-se aos seus contemporâneos». Tudo aquilo de pouco que fizemos de nosso acabará por pertencer a outros. (DVA: 48).

Transforma-se a coisa estrita no escritor
[...]
Aquele que quer saber
tem o coração pronto para o
roubo e para a violência
e a alma pronta para o esquecimento. (TP:71).

Com efeito, mais do que aquilo que nos lembramos, somos sobretudo aquilo que esquecemos. Porque o esquecimento é um modo particular da memória, talvez o

seu modo mais profundo, um obscuro e pulsante sangue alimentando-nos. Não mera condição de sobrevivência, mas fonte elementar da própria vida. (CSL: 188).

Ninguém me roubará algumas coisas,
nem acerca de elas saberei transigir; (TP: 107).

U de Últimas

Todas as palavras

As que procurei em vão,
principalmente as que estiveram muito perto,
como uma respiração,
e não reconheci,
ou desistiram e
partiram para sempre,
deixando no poema uma espécie de mágoa
como uma marca de água impresente;

[...]

E também aquelas que ficaram,
por cansaço, por inércia, por acaso,
e com quem agora, como velhos amantes sem
desejo, desfilio memórias,
as minhas últimas palavras. (TP: 281).

S de Silêncio

não há silêncio senão escrito. (Blanchot, 1980: 19).

Nós, como o nosso próprio silencioso ser, somos palavras. (DVA: 56).

Palavras próprias e alheias falando num lugar vazio e
infallível – uma espécie de coração que não quer dizer
nada nem ouvir nada. (DVA: 57).

Talvez por ali ande uma saudade do mundo, do mundo sem palavras e sem lembranças, seja o da infância ou o da morte; a saudade de não ter saudade de coisa nenhuma. [...] o ser diante do estar. (DVA: 55).

Oh, apenas um instante de silêncio,
uma palavra de
harmonia e solidão,
de morte e de indistinção! (TP: 237).

O que é citável de um livro, de um autor? Decerto, a sua morte pode ser citável. E, sobretudo, o seu silêncio (Herberto Helder, 1990: 63).

N de Novo

O novo, no fim de contas, é uma forma de reconhecimento. Isto é Bacon: «*Knowledge is not but remembrance*». Conhecer é reconhecer. Não um reconhecimento pessoal mas o reconhecimento de algo que eu já sabia mas não sabia que sabia ou não tinha palavras para dizer. (DVA: 215).

X de Xadrez

E se as peças do Xadrez tivessem querer,
se fossem capazes de sentir e de sofrer,
se tivessem coração à sua maneira,
uma vontade de tinta, uma alma de madeira?
[...]
Pode muito bem assim suceder
sem elas saberem nem ninguém saber.

E o jogo de xadrez ser uma vida
de uma maneira de madeira vivida
por gente para quem o Mundo inteiro
são as Casas pretas e brancas do Tabuleiro... (GTX: 43,44).

C **de Casa. Caminho.**

Perde o viajante
o caminho do regresso. (TP: 131).

Não foi o caminho de casa que eu perdi? (TP: 108).

O CAMINHO DE CASA

Todas as viagens, principalmente a vida, são de regresso. (CSL: 532).

Seja a casa das palavras, seja a simbologia maternal, o problema do regresso, como todos os símbolos maternais, é simultaneamente ameaçador e protector. (DVA: 197).

Uma casa é as ruínas de uma casa,
uma coisa ameaçadora à espera de uma palavra; (TP: 347).

Se calhar a única maneira de construir é
sobre ruínas. Uma espécie de Sísifo, sempre a recomeçar. (DVA: 199).

O regresso a casa é a melancolia da infância e é também a morte. Do mesmo modo que nascemos do ventre da mãe, há um regresso, uma espécie de percurso circular, ao ventre da terra. (DVA 120).

Talvez as viagens, todas as viagens, se façam principalmente pelo lado de dentro. Talvez, quem sabe?, o viajante, procurando um mundo, caminhe sempre de regresso a casa. (CSL: 170).

isso é que viajar é, fundamentalmente regressar. (CSL 251).

Talvez quem um dia partiu esteja, afinal, ainda à porta de casa, hesitante, acenando. Ou talvez ninguém verdadeiramente parta, e fique parado para sempre ao fundo da rua, voltando-se para trás. Ou então talvez as viagens, todas as viagens, sejam um longo caminho para regressarmos a algum lugar interior e essencial de onde não se pode sair. (CSL: 172).

regressarei alguma vez
a tudo o que há-de vir? (TP: 87).

B de Biblioteca

Como eu gostaria de sair da minha Biblioteca, mas, para isso, teria que sair de mim, porque eu próprio sou a Biblioteca. Como ela, não estou vivo nem estou morto, estou fechado dentro de mim como num labirinto ou como se fosse um livro antigo escrito numa língua desconhecida, que ninguém, nem mesmo a Morte, é capaz de ler. (HSFSB: 25).

Na biblioteca, em cada livro,

em cada página sobre si
recolhida, às horas mortas em que
a casa se recolheu também
virada para o lado de dentro,

as palavras dormem talvez,
sílabas a sílabas,
o sono cego que dormiram as coisas
antes da chegada dos deuses.

Aí, onde não alcançam nem o poeta
nem a leitura,
o poema está só.

E, incapaz de suportar sozinho a vida, canta. (TP: 181).

P de Poesia

A poesia é um mistério incompreensível. Porque escrevem as pessoas poesia? E porque a lêem ou ouvem outras pessoas? [...] Talvez, quem sabe?, a poesia seja alguma espécie obscura de religião, talvez ela própria seja uma língua estrangeira falada em regiões distantes e interiores, talvez escrevendo poesia e lendo e ouvindo poesia estejamos perto de algo maior do que nós ou do nosso exacto tamanho. Porque alguma razão há-de haver para a persistência da poesia mesmo em tempos tão pouco gloriosos como os nossos. (CSL: 325, 326).

A poesia, naquilo que me toca, é um instrumento permanente de relação comigo mesmo, de relação com o mundo. [...] A poesia está sempre presente. Não propriamente o acto de fazer um poema, mas a relação que lhe está na base. Essa relação com as palavras, no fundo, está sempre presente. Faz parte da minha natureza, a minha relação com a escrita. (DVA: 33).

Mas estamos a falar de quê? O que é a poesia? [...] *Para uns, é a alma alancada; / para outros, quilo tão ronceiro / que lhes dá resmoneio o dia inteiro / a conversa visceral fiada / que os versos são, primeiro.* As respostas (a referida é de Alexandre O'Neill) são tantas quantos os poetas, ou, se calhar, quantos os poemas, pois cada poema é também uma *arte poética*. (CSL: 228).

A poesia é feita e desfeita da volúvel matéria das palavras, dos seus murmúrios, dos seus sentidos dos seus tantas vezes misteriosos propósitos. E das raízes das palavras no mundo onde desgarradamente se prende a solidão do mundo, do formidável poder das palavras não apenas de nomear mas de *fazer* o mundo. A poesia é esse *fazer*, algo como explica Jean-Luc Nancy, feito do seu próprio fazer. (DVA: 277).

E, independentemente do que leve os homens a escrever poesia [...], o fazer feito da poesia tem o poder de nos olhar do lado de dentro dos nossos próprios olhos e do lado de dentro dos olhos do mundo. Porque, como escreveu um grande poeta, Ruy Belo, somos seres olhados. E isso não é uma coisa tranquilizadora (CSL: 314).

Provavelmente nenhum verso salvará o mundo. *Mas quem / é hoje capaz de salvar o mundo / ou apenas mudar o sentido / da vida de alguém?* A pergunta de Eugénio vem em *O sal da língua* e, de uma forma ou de outra, todos os poetas um dia a fizeram: para quê? (CSL: 228).

A poesia não tem respostas (às vezes, pobre dela, nem perguntas...), não oferece consolo, não promete coisa nenhuma. É apenas um fio de voz desprovido e solitário, vindo de lugares antiquíssimos dentro dos homens e persistindo obstinadamente no meio da vozeria do comércio e da gritaria dos media. (CSL: 257).

É certo que muitos poetas parecem convictos de que, escrevendo poesia, «se vão da morte libertando». Só que a camoniana metáfora é apenas isso, metáfora, e ninguém se liberta da lei da morte. [...] Não, a poesia, o que quer que seja a poesia, não protege da morte nem do esquecimento [...]; a poesia ajuda, mas que sei eu?, a viver e a encontrar nas palavras efémeros instantes de coincidência connosco mesmos e com os nossos medos e desejos. O que, à nossa humana e irrelevante medida, já não é decerto pouco. Talvez, quem sabe?, a poesia sirva afinal para alguma coisa. (CSL: 594, 595).

Quem constrói um poema constrói uma assinatura, a sua morada, o seu testemunho. (Silvina Rodrigues Lopes, 2005: 254).

W de Wittgenstein

Ludwig W. em 1951

«As palavras (o tempo e os livros que foram precisos para aqui chegar, ao sítio do primeiro poema!) são apenas seres deste mundo, insubstanciais seres, incapazes também eles de compreender, falando desamparadamente diante do mundo.

As palavras não chegam,
a palavra *azul* não chega,
a palavra *dor* não chega.

Como falaremos com tantas palavras? Com que palavras
[e sem que palavras? [...]]» (PR: 232).

Provavelmente está tudo dito. Mesmo o sentimento da ociosidade e da inutilidade das palavras é uma sensação infinitamente cansada. E, no entanto, temos de dizer tudo de novo todos os dias, de juntar os pedaços dispersos do mundo e, com eles, descobrir para nós um lugar do nosso tamanho ou, ao menos, uma forma de sentido para aquilo a que chamamos a nossa vida. E, para isso, tudo o que temos são palavras. O que sabemos: palavras; e a nossa própria boca que fala é, também ela, só uma frágil e insegura palavra. (CSL: 234).

Sem que palavras alguma coisa é real? (TP: 137).

A linguagem impede-nos de contactar com o mundo. As palavras separam-nos do mundo. Isso acontece com o mundo e acontece connosco mesmos. Contactamos com o mundo em termos linguísticos. Não temos outro remédio, só temos palavras, não temos mais nada, o que é que podemos fazer? [...] Gostava de estar mais perto das coisas. Nos animais vejo isso, essa inocência. Só vi uma inocência dessas no olhar da minha mãe pouco antes de ela morrer. Já não me reconheceu e olhou-me com um olhar estranho. (DVA: 198).

«Fora/ do corpo haverá alguma coisa?», algum móbil, alguma grande razão para além da razão? (CSL: 226).

As palavras são seres intranquilos. Mesmo as mais conformadas e mais comuns, dessas que servem, não para dizer, mas para comunicar, têm sobressaltos e caprichos de sentido que nos deixam de repente ainda mais desamparados diante do ameaçador mundo de todos os dias. E palavras desmesuradas e antigas, pelas quais pensámos um dia ser capazes de morrer e que envelheceram connosco ou julgávamos já mortas, assomam-nos ainda às vezes aos lábios vindas do fundo da memória (ou, quem sabe?, do fundo do coração) como se nos dissessem: «Sou eu, não me ouves chamar?». (CSL: 443).

São elas, as tuas palavras, quem diz «eu»;
se tiveres ouvidos suficientemente privados
podes escutar o seu coração
pulsando sob a palavra da tua existência,
entre o para cá de ti e o para lá de ti.
Tu és aquilo que as tuas palavras ouvem,
ouves o teu coração (as tuas palavras «o teu coração»)? (TP: 316).

V de Vida

A palavra, vida inteira, mata.
O seu silêncio não fala nem cala: ri. (TP: 231).

literatura, tornou-se tudo literatura!
E a vida? (Falo de uma vida
muda de palavras e de dias, uma vida nada mais que vida;
haverá uma vida assim para viver,
uma vida sem a si mesma se saber?) (TP: 282, 283).

O que é a vida de cada homem senão o esforço desolado de
ordenação do caos num cosmos onde se reconheça? (CSL: 267).

intacta ainda a possibilidade de morrer. (TP: 197).

Não passa pela cabeça de ninguém que a vida seja só
a «vidinha». (DVA: 89).

A vida e a morte não são coisas que se possam separar.
Mesmo quando a vida é mais pujante. Mesmo essa
pujança alimenta-se da morte. (DVA: 199).

É uma presença do Mistério. (DVA: 36).

Chamemos-lhe «vida», a esse Mistério, essa outra vida – a que palavra alguma alcança e todas as palavras procuram, isto que, talvez, sempre «a mais e a menos», é captado assim, por Manuel António Pina, ao falar da morte de Piazzolla, em 1991:

Porque os jornais não sabem, nem a medicina, que, sob a vida de Piazzolla, sob o seu sangue, sob o seu coração, como sob o coração de todos os homens vivos, outra vida, imensurável e secreta, pulsa, e que essa é que é, talvez, a vida verdadeira, feita também ela de sangue, e de nervos, e de sentidos, e inacessível à química e aos bisturis, aos «scanners», às sondas, às notícias das agências, à gritaria da publicidade, à esperança e ao medo, um pequeno ser lívido e frágil que todos os dias, no emprego, em casa, nos jornais, matamos dentro de nós. Por isso nos tornamos, os mais infelizes de nós, em «zombies» sem vida e erramos confusa-

mente entre palavras e paredes e, quando morremos, morremos para sempre, de uma morte de onde nenhuma coisa viva, nem a música nem a poesia, nos podem, por um só momento que seja, resgatar. (CSL: 136).

Quando eu me calar
sabei que estarei diante de uma coisa imensa.
E que esta é a minha voz,
o que no fundo de isto se escuta. (TP: 105).

D **de Dádiva**

Toma, este é o meu corpo, o que sobe as escadas
em direcção à tua escuridão, deixando-me,
ou a alguma coisa menos tangível,
no seu lugar. (TP: 359).

Referência bibliográficas

Manuel António Pina

- (TP) *Todas as Palavras – Poesia reunida*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2013.
- (DVA) *Dito em Voz Alta, Entrevistas sobre literatura, isto é, sobre tudo* (2000-2012). Sousa Dias (Org.). Lisboa: Sistema Solar [Documenta], 2016.
- (CSL) *Crónica, Saudade da Literatura, 1984-2012 – antologia*, selecção de Sousa Dias. Lisboa: Assírio & Alvim, Porto Editora. 2013.
- (HSFSB) *História do Sábio Fechado na Sua Biblioteca*. Lisboa: Assírio & Alvim. 2009.
- (PLD) *Pequeno Livro de Desmatemática*. Lisboa: Assírio & Alvim. 2001.
- (GTX) *História com Reis, Rainhas, Bobos, Bombeiros e Galinhas e A Guerra do Tabuleiro de Xadrez*. Porto: Campo das Letras. 2004.

Geral

- Deleuze, Gilles e Parnet, Claire, (2004). *Diálogos*, trad. José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio d'Água.
- Eiras, Pedro, (2017). [...] *Ensaio sobre os mestres*. Lisboa: Sistema Solar (DOCUMENTA).
- Herder, Herberto, (1990). Carta a Eduardo Prado Coelho; ed. In Américo Lindeza Diogo, *Texto, Metáfora do Texto*. Coimbra: Almedina.
- Lopes, Silvina Rodrigues, (2005). *Anomalia Poética*. Lisboa: Vendaval.
- Martelo, Rosa Maria, (2014), CHEGAR (UM POUCO) TARDE – Manuel António Pina, o poeta e a poesia. In Izabel Margato (org.), *Políticas da ficção*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014. Disponível em: http://www.museudaimprensa.pt/biografiamultimedia_manuelantoniopina/testemunhos/?texto=rosamariamartelo
- Nava, Luís Miguel, (1991). «Intertextualidade na poesia portuguesa contemporânea». In *Ensaios Reunidos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- Nietzsche, Friedrich, (2002). *La gaya ciencia*. Tradução de José Mardomingo Sierra. Madrid: Editorial Edaf. *(A citação remete para a edição de 1887, onde consta a epígrafe: «Vivo en mi propia casa, nunca he limitado en nada a nadie, y me he reído de todo maestro que no sabía reírse de sí mismo». Sobre la puerta de mi casa».
- Pessoa, Fernando, (1933). Poema «Isto», 1ª publicação in *Presença*, nº 38 (Abril de 1933). Coimbra.